

CORREIO

DE GUIMARÃES



RELIGIÃO - PAG.4

A procissão da Nossa Senhora da Lapinha sob rodas

24 DE JUNHO - PAG.5

As celebrações do 24 de Junho da Grã Ordem Afonsina



S. António e S. Francisco de Assis voltam ao altar da Igreja dos Capuchos

PAG.6



A História da criação do Cemitério da Atouguia - Pág. 10

SÉCULO XX - PAG.7

O Presidente da Câmara de Guimarães que esteve com o Fundador do Escutismo Sir Baden Powell



O Restauro da estátua de D. Afonso Henriques desta vez é para valer? Pág.2

A História do Teatro em Guimarães Pág.3



Paulo Freitas do Amaral – Diretor

1862 - O ano da guerra entre médicos e cirurgiões em Guimarães

Corria o ano de 1862 e só existiam dois médicos e dois cirurgiões no Hospital em Guimarães. As funções na altura eram distintas e os médicos não operavam mas socialmente tinham um estatuto superior aos cirurgiões. O confronto entre as duas classes médicas era essencialmente salarial, o que originou uma argumentação escrita entre ambas bastante agressiva por sinal às entidades que as tutelavam. A qualidade da Escola Médico-Cirúrgica do Porto tinha vindo a aumentar na década de cinquenta e começou a ganhar muito boa reputação na década seguinte, o que originou que os cirurgiões lá formados começassem a reivindicar direitos iguais aos dos médicos e em alguns casos até mais... Uns anos antes do confronto de 1862 entre as duas classes em Guimarães encontramos cirurgiões como António Joaquim Pinheiro com um ordenado de 100 000 réis por ano enquanto o médico Manuel José Faria, embora já reformado estaria a receber 50 000 réis por ano. No entanto chegamos ao ano de 1862 e segundo os registos existentes, o ordenado dos médicos vimaranenses continua à margem das expectativas. Este facto origina a que José Areias e Manuel Oliveira escrevam à direcção do Hospital de Guimarães uma extensa carta reivindicando os argumentos pelos quais os médicos deveriam receber mais salário:

1 - A existência de sobrecarga de trabalho e o maior perigo de contágio das epidemias 2 - O trabalho clínico de terem de estar presentes nos trabalhos operatórios 3 - A fraca qualidade profissional dos cirurgiões mencionando que eram somente como obreiros manuais 4 - O maior e melhor nível de conhecimentos por serem formados na Universidade de Coimbra enquanto a maior parte dos cirurgiões tinham só uma carta de aprovação do Cirurgião-Mor

Esta rivalidade não se tratava-se somente de uma rivalidade de classes mas também de Universidades, onde Coimbra se pretendia afirmar como a universidade mais qualificada. Claro está que a carta dos médicos originou uma resposta "à letra" dos cirurgiões também para a direcção do Hospital pedindo um aumento de vencimento argumentado as seguintes razões: 1 - As enfermarias de cirurgia estavam sempre cheias ao contrário das enfermarias de medicina 2 - O cursos de cirurgiões não eram aprovados por decreto como diziam os médicos mas reconhecidos pela Universidade 3 - O trabalho de cirurgião era mais complexo e arriscado do que o de médico. A título de exemplo escrevem "É mais complicado pedir para deitar fora a língua para ver a garganta a um doente ou operar uma ulcera no estômago?" 4 - Os cirurgiões faziam trabalho que deveria ser dos médicos; na enfermaria de partos, na realização de sangrias e nas autoplastias 5 - Os cirurgiões tinham de acompanhar os médicos à cadeia para ver os presos e às conferências de medicina É curioso verificar que a tutela deixou a situação praticamente na mesma e que este conflito com o passar do tempo iria-se atenuar com a fusão das duas profissões numa só, onde a especialização daria lugar à função de cirurgião. Um curiosidade da História de Guimarães bastante interessante e praticamente desconhecida de todos!

Será que o restauro da estátua do D. Afonso Henriques desta vez é para valer?

Guimarães , Cidade Santa por Dr. Florentino Cardoso

Por causa e como consequência das Festas Centenárias de 1940, o antigo regime resolveu iniciar em 1939 grandes obras de restauro no Paço dos Duques de Bragança, que se encontrava há muito tempo num estado de abandono, degradação e ruína. Em 1952 terminaram as obras e depois foi definida a função que veio a ser dada ao palácio, de residência oficial do Presidente da República no Norte do país e de Museu.

Com o objectivo de conferir maior dignidade à zona do Castelo, por força do simbolismo histórico e patriótico que já tinha e que se pretendeu fosse reforçado a partir de 1940, realizaram-se profundas obras de transformação na sua zona envolvente, designadamente na antiga Rua de Santa Cruz, retirando-se o casario que a compunha e deixando de pé apenas a capela do mesmo nome.

Mais tarde, quando a cidade completou o seu milénio, em 1953, a estátua de D. Afonso Henriques que se encontrava no centro do Largo do Toural, foi transferida para o lugar onde hoje se encontra, ficando perfeitamente enquadrada com a Capela de S. Miguel e o Castelo.

Realizadas estas operações, aquele espaço passou a ser designado, popular e patrioticamente, pelo epíteto de «Colina Sagrada».

Guimarães orgulha-se de ser «Berço da Pátria», mas o único sinal representativo desta sublime condição é a inscrição aposta na Torre da Alfândega que diz «Aqui nasceu Portugal».

Torna-se imperioso oferecer aos seus visitantes e turistas um sinal mais forte, mais vivo, mais emotivo e mais apaixonante, um sinal que represente melhor a circunstância histórica de ter sido o lugar onde Portugal nasceu.

Esse sinal pode ser produzido pela referida estátua de D. Afonso Henriques - porque até foi ele o Pai da Pátria - mas falta-lhe algo que transmita o carácter sagrado do símbolo, repetidas vezes profanado pelos vândalos que lhe partem a espada.

Guimarães merecia que aquela estátua se transformasse num símbolo sagrado para os portugueses, o que aconteceria se fosse dotada de uma guarda de honra prestada pelo exército português e de uma luz permanente que traduzisse a «Chama da Pátria», acesa por D. Afonso Henriques no dia 24 de Junho de 1128 e que não se apagou durante estes quase nove séculos.

Uma das peças oferecidas por D. João I na sua peregrinação à Senhora da Oliveira, foi o Tríptico da Natividade, um altar portátil de madeira de cedro revestido a prata, que se encontra no Museu Alberto Sampaio e que representa um troféu da vitória portuguesa em Aljubarrota.

Para alguns historiadores, esta foi uma das peças que D. João de Castela deixou ficar para trás quando teve de se pôr em fuga após a humilhante derrota que ali sofreu e, por isso, é um emblema extraordinário da identidade e da independência de Portugal.

Esta riquíssima peça de ourivesaria encontra-se no Museu Alberto Sampaio e pode aí ser admirada por todos os visitantes.

No entanto, porque constitui um emblema extraordinário da identidade e da independência de Portugal e foi oferecido na Igreja da Oliveira, este templo passou a ser o sítio que em Portugal melhor testemunha a crença de que os destinos nacionais sempre estiveram sob protecção celeste, especialmente nos momentos em que a independência esteve em causa.

Ora, este recurso patrimonial composto de religiosidade e portugalidade, permite que a Igreja da Colegiada adopte, com toda a legitimidade, o título de «Altar de Portugal» e que, sob esta marca, instale no seu interior uma imagem de D. João I ajoelhado diante do trono da Senhora da Oliveira, acompanhada da necessária interpretação e desenvolva todo um processo de comunicação vivo e atractivo, capaz de tornar imperdível a visita por parte dos milhares de turistas nacionais e estrangeiros, que lhe passam por diante ao longo do ano.

Com a Colina Sagrada e o Altar de Portugal, Guimarães pode-se orgulhar de ser a Cidade Santa de Portugal.

A História do Teatro em Guimarães até ao Séc. XX

O teatro e a cultura sempre estiveram muito presentes na alma dos vimezanenses mesmo antes de surgirem os espaços para a realização de teatros no século XVII registados nos periódicos da época, em procedimentos administrativos de compra, venda, etc...

As igrejas e a praça da câmara acolheram desde sempre manifestações culturais com a proeminência da música e do teatro.

No entanto o primeiro espaço para a realização de teatro que existiu em Guimarães, sem se saber ao certo a sua localização, foi o dos cómicos ambulantes. As primeiras referências a este teatro são do ano de 1679.

Já mais tarde em 1769 aparece-nos a notícia de um outro “Teatro à Torre dos cães” mais precisamente na Nossa Sra. da Guia, na rua a que chamavam de Trigais, encostado à muralha da vila. Era segundo os registos um barracão onde os estudantes realizavam espectáculos de beneficência.

Curiosamente passados dezoito anos encontramos nova referência nesta rua a um outro teatro, o que nos leva a concluir que ou se remodelou o antigo teatro ou se levantou um novo. O contrato notarial deste novo teatro consta de 15-05-1787.

Contudo simultaneamente a este teatro nascia em 1769 o novo Teatro da Tojeira (ver foto) que ficava na rua D. Henrique nº4 no qual se representavam dramas e tragédias, uma dos grandes êxitos promovidos por este teatro na altura foi a peça “Inês de Castro” que fez furor entre o povo vimezanense.

Já mais tarde em 1819 aparece a Casa da Ópera trabalhando neste espaço várias companhias portuguesas e espanholas e também com a colaboração também de artistas italianos.

Em 1835 no Campo da Feira mais precisamente na antiga Rua das Pretas surge o Teatro de Vila Pouca promovendo vários espectáculos mas sendo incendiado pouco tempo depois...

A 6 de Maio de 1849 surge outro teatro, o teatro S. Francisco com duas peças que tiveram muito sucesso denominadas “O cigano” e “O duelo no Terceiro andar”. Este teatro teve em funcionamento até 1854 e funcionou no extinto convento de S. Francisco.

Logo a seguir surge o Teatro D. Afonso Henriques (ver foto) em 1855 com uma peça de enorme sucesso chamada “Os dois renegados”. A sua inauguração foi marcante pelo concerto de violino tocado por Francisco Sá de Noronha chegando a comparecer à inauguração inúmeras pessoas vindas do Porto.

Em 1881 aparece o “Teatro Recreios Dramáticos”, no Largo do Retiro. O patrocinador deste teatro era o Sr. Eduardo Branco. Foi inaugurado com um baile de máscaras de tarde e uma récita dramática à noite.

Neste ano de 1881, a 1 de Maio, é também inaugurado o novo Teatro de Variedades, tendo subido a palco a comédia “O Tio Mateus” e a opereta “O processo de Rasga”.

No ano seguinte, aparece o “Teatro Gil Vicente” (ver foto) e em 1884 surge o “Teatro-Salão Artístico Vimezanense” com a representação da opereta burlesca em 3 atos “Os três casamentos na Aldeia”. Este teatro teve uma grande dinâmica apresentando inúmeras peças de diversas companhias.

Em 1881 é criado o Salão do Campo da Feira que era além de ser um local de espetáculos, é também um centro de divertimentos onde funcionava uma escola de dança e onde se realizavam bailes onde se cobravam 40 réis por entrada.

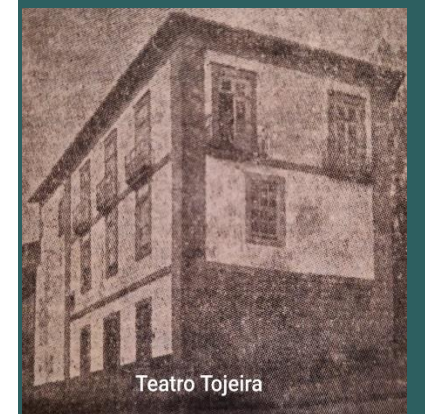
Em 1900 no periódico da altura “Eco de Guimarães” aparece-nos o seguinte anúncio; “Salão Recreativo Universal – Rua de S. Dâmaso – Todos os dias vistas das mais notáveis cidades e monumentos do mundo – Entrada Geral – 40 réis”.

O Teatro D. Afonso Henriques viria a fechar na primeira metade do século XX

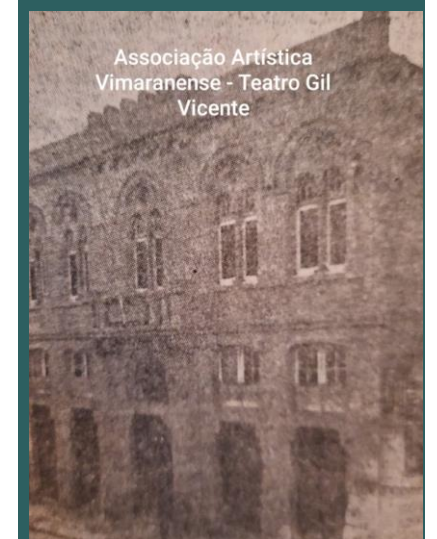
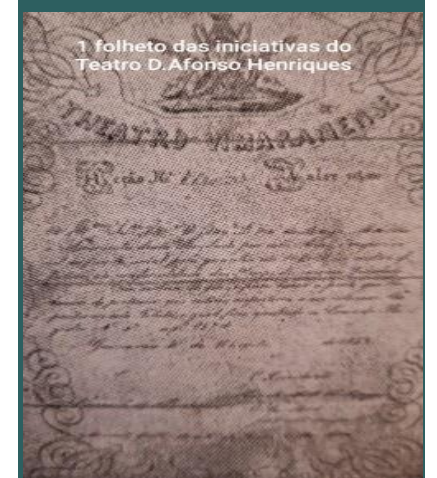
É desta forma que o teatro evolui até 1900 numa brevíssima História que comprova que o gosto pelas artes por parte dos vimezanenses remonta já a épocas mais longínquas e que está entranhado no nosso espírito.



Teatro D. Afonso Henriques



Teatro Tojeira

Associação Artística
Vimezanense - Teatro Gil
Vicente1 folheto das iniciativas do
Teatro D. Afonso Henriques2 folheto das iniciativas do
Teatro D. Afonso Henriques

A procissão de Nossa Senhora da Lapinha sob rodas

Pela 1 vez em 400 anos a peregrinação da Nossa Senhora da Lapinha fez-se de carro. Percorre 14 freguesias de Guimarães.

Devido à Gripe Espanhola entre 1917 e 1927 apenas eram autorizados três quilómetros a pé, entre o Santuário da Lapinha e o Santuário da Penha.

O importante reter é que ao fim de IV séculos a devoção mantém-se. Trancrevemos aqui uma passagem com as fontes referidas baseada no blogue "Memórias de Araduca"

17 de Junho de 1928

Veio Nossa Senhora da Lapinha à cidade.

(João Lopes de Faria, Efemérides Vimaraneses, manuscrito da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, vol. II, p. 273.)

A Senhora da Lapinha é a padroeira dos agricultores na sua luta contra a bicha (lagarta) que ataca as culturas. É a figura central da Ronda da Lapinha, que sai da freguesia onde está a sua capela, em S. Lourenço de Calvos e se dirige, em procissão a pé, com parte dos romeiros descalços, até à igreja da sua irmã, a Senhora da Oliveira. A procissão demora cerca de três horas a percorrer o seu percurso. O andor da senhora, enfeitado de cachos de uvas e de pés de milho, entra na igreja da Colegiada cerca das quatro horas da tarde, devendo entrar às arrecuas, para que possa voltar a sair. O regresso faz-se por Covas, regressando a imagem à sua capela quando já é noite bem entrada.

Para além da Ronda anual, a imagem da Senhora da Lapinha descia até Guimarães noutras alturas, em procissões de penitência contra a bicha, quando esta atacava os campos, contra o mal das vinhas ou a pedir chuva (como ainda acontecia na primeira metade do século XX).

No seu livro Guimarães e Santa Maria, o Abade de Tagilde descreveu o culto à Senhora da Lapinha:

Na freguesia de S. Lourenço de Calvos, na encosta superior à igreja paroquial, levanta-se em terreno da serra de Santa Catarina desde tempos remotos, que não podem precisar-se, uma capela sob a invocação da Senhora da Lapinha, cuja imagem é uma das mais milagrosas e queridas do concelho de Guimarães e terras circunvizinhas.

O livro mais antigo que podemos encontrar no arquivo da irmandade é o inventário feito em 1705, muito antes porém já esta capela existia e a Senhora era objecto de muita devoção.

Em 1663 já o célebre clamor, ou ronda, de que adiante falamos, ia a Guimarães, como nos informa uma deliberação do cabido da Colegiada. A própria lenda, que lhe anda ligada, demonstra a antiguidade do culto, que se lhe presta.

Senhora da Lapinha

Provém a denominação de ter sido encontrada a primeira imagem da Senhora em uma lapa, ou penedo, que servia, até à reconstrução da capela, que há poucos anos começou e ainda não está completa, de fundo à capela-mor; afirma-o a tradição popular, acrescentando o bom povo, na sua ingenuidade, que a Senhora manifestou miraculosamente decidida vontade de ser venerada no lugar onde apareceu, porquanto, levada para outro, desaparecia misteriosamente pela calada da noite e voltava ao primeiro; facto que, repetido por diversas vezes, produziu a erecção da capela em honra da Senhora da Lapinha, irmã da Senhora da Oliveira, venerada na igreja da Colegiada de Guimarães, que anualmente lhe recebe a visita.

Deixando ao povo a sua lenda querida, sobre a qual jura como sobre os santos Evangelhos, e pondo de parte a investigação da origem da primeira capela da Lapinha, diremos que a actual imagem da Senhora, representada na gravura, foi feita no ano de 1765, como consta do livro de contas deste ano, mas esta substituição não diminuiu a vetusta e fervorosa devoção do povo.

À festa principal da titular celebra-se com toda a pompa na segunda-feira do Espírito Santo e neste dia se determina aquele em que a Senhora vai processionalmente a Guimarães, em regra no domingo imediato a 13 de Junho. Outrora era este dia o fixado, como se lê nos livros da paróquia.

Esta procissão, ou clamor, é uma das solenidades mais concorridas, mais singular e característica do concelho de Guimarães e terras vizinhas à Lapinha. Em satisfação de antigo voto, a Senhora carregada de adornos, cordões e jóias, ostenta-se donairosa no seu trono, levantado em vistoso andor, que com a refulgência de seus ornatos fere a vista e com a altura da sua cúpula parece caminhar arrogante para as nuvens, o qual é conduzido aos ombros de espadaúdos moços, que à porfia disputam a honra de sustentar os banzos da charola. Precedida de inúmeras cruzes e guiões, que das freguesias limítrofes e de outras mais distanciadas vêm formar-lhe cortejo, e seguida de enorme multidão de devotos, grande parte descalços, a Senhora da Lapinha, anunciada pelo barulho atoador de numerosos tambores, que abrem a marcha, faz anualmente a sua entrada em Guimarães e, após alguma demora na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, regressa, por diverso caminho ao já percorrido, à sua capela, entoando o povo durante o percurso de 15 quilómetros, pelo menos, a ladainha dos Santos.

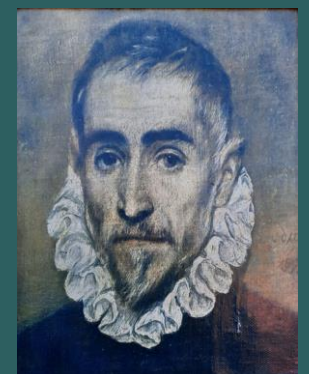
E desde este dia, afirma convicto o nosso povo, o bicho não mais bole no milhão.

É administradora desta capela uma irmandade, que data de antigos tempos e se governa por estatutos aprovados a 20 de Junho de 1880 pelo governador civil.



Procissão da Nossa Senhora da Lapinha a passar no Largo João Franco, em frente à Igreja da Misericórdia.

A imagem esteve suspensa em cima de um veículo e os crentes católicos tiveram assim oportunidade de ver Nossa Senhora da Lapinha passar."



PEDRO ROIZ DO AMARAL

O Vimaraneses, escrivão do Papa no Vaticano chamado Pedro Roiz do Amaral. Antepassado da família Freitas do Amaral.

Recebeu do Papa o título de Conde Palatino para ele e para os seus descendentes para todo o sempre. Viveu no Século XV e em parte do Século XVI.

Foi Administrador perpétuo do Mosteiro de S. Pedro das Águias. Retrato com a assinatura do grande pintor "El Greco".

A celebração do 24 de Junho feito pela Grã Ordem Afonsina

No passado dia 24 de Junho celebrou-se entre diversas entidades de Guimarães com a presença da Sra. Vereadora da Cultura Adelina Pinto, um protocolo entre a Grã ordem Afonsina, a Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, a União das Freguesias de Oliveira do Castelo, S. Paio e S. Sebastião, o Vitória Sport Clube, a Associação de Hotelaria Vimaranesa, a Fundação Lusíada, a Associação Guimarães Fado, a Associação de Veteranos Lanceiros de Portugal e a Confraria Alma do Povo que prevê a defesa do dia 24 de Junho de 1128 como a data exata para a criação de Portugal tendo, afirmando perante as autoridades nacionais que o ato da Batalha de S. Mamede nesta data foi o ato progenitor de Portugal como Nação e Estado independente.



Objectivos do protocolo que foi assinado:

- Afirmar e fazer valer, através dos mais variados meios de comunicação falados e escritos, a opinião de que Portugal nasceu no dia 24 de Junho de 1128 como consequência da vitória das forças de D. Afonso Henriques na batalha de S. Mamede;
- Em consequência, desenvolver um projeto para a comemoração conjunta do IX Centenário da Batalha de S. Mamede e da Fundação de Portugal ao longo do ano de 2028, com epicentro em Guimarães, mas com celebrações alargadas a todo o país e ao mundo lusófono;
- Apoiar a Câmara Municipal de Guimarães no desígnio, publicamente manifestado, de ver o dia 24 de Junho consagrado como DIA DE PORTUGAL e feriado nacional, visto ser este o dia mais indicado para tal consagração no calendário histórico de Portugal;
- Desenvolver um projeto de Reinvenção do Turismo de Guimarães, após a pandemia do COVID-19, através do debate alargado entre as forças culturais e económicas do sector, a partir das ideias expressas no trabalho com esse título elaborado pela Associação Grã Ordem Afonsina e anexo ao presente protocolo;
- Apoiar a Câmara Municipal de Guimarães na criação de uma Estrutura de Missão que junte personalidades e instituições públicas e privadas, associações culturais e demais forças vivas de Guimarães, de Portugal e do Espaço Lusófono, com vista a estruturar e implementar em Guimarães o grande farol da cultura lusíada, para futuramente iluminar e mover a defesa e divulgação da paideia lusa por todo o mundo lusófono.

Sabia que os portugueses têm uma luta da sua autoria que atravessou Viriato e D. Afonso Henriques?

É verdade. É uma arte marcial que não é chinesa, nem japonesa, nem daquelas americanas que nos entram diariamente pelas TV's Cabos. Chama-se "Luta Galhofa", é genuinamente portuguesa, é reconhecida pela Federação Portuguesa de Lutas Amadoras e tem a evolução de cintos de diferentes cores conforme a aptidão dos atletas.

A sua origem milenar dá-se em todo o norte do país com diversidades na sua denominação mas com o nome de "Luta Galhofa" a nascer no nordeste transmontano abrangendo também Viseu.

Certamente que Viriato e D. Afonso Henriques uns séculos mais tarde conheceram esta Luta genuinamente lusitana.

Estas lutas davam-se quando os filhos do sexo masculino atingiam o final da puberdade e a "Luta Galhofa" acontecia como uma espécie de emancipação de passagem à idade adulta dos filhos rapazes que passariam a ser, depois deste ritual a ser considerados Homens.

Esta Luta dava-se em grande espírito de convívio e fraternidade e era restrita unicamente a Homens que se reuniam geralmente num palheiro fechado onde a confraternização reinava, daí o nome "galhofa". Ainda hoje cada confronto começa e acaba com um forte abraço entre adversários. O vencedor dos torneios exibia um lenço à cintura durante um ano até ao próximo torneio. Cada combate terminava assim que um dos "Homens" conseguisse que o seu adversário tocasse com as suas costas no chão.

Quaisquer movimentos mais violentos, como puxões, murros ou pontapés, não são permitidos. A luta começa e termina com um abraço cordial. Outra regra é jogar descalço e de tronco nu, ou usar camisolas justas ao corpo para dificultar ao adversário que se agarre e calças de ganga ou de outro material robusto. Hoje em dia o desporto é aberto ao sexo feminino.

Vários estudos têm sido levados a cabo pela Instituto Politécnico de Bragança sobre a História da "Luta Galhofa".

Certamente que é uma tradição que deverá ser apoiada e divulgada por todo o povo português por ser só nossa.

S. António e S. Francisco voltaram ao altar da Igreja dos Capuchos



A Misericórdia de Guimarães restaurou as imagens de S. Francisco de Assis e de Sto. António através da doação de um Bem feitor anónimo. A Sociedade Martins Sarmiento efectuou o restauro das ditas imagens. As imagens dos Santos encontram-se no altar da Igreja dos Capuchos (Antigo Hospital de Guimarães).

A Santa Casa da Misericórdia anunciou na sua página do facebook a passada semana e as imagens já se encontram na Igreja há sensivelmente um mês.

O bem-feitor e a sua família preferem manter o anonimato.

Sto. António e S. Francisco em termos simbólicos têm uma importância fulcral neste edifício, uma vez que S. Francisco de Assis foi o fundador da Ordem Franciscana, a qual pertence S. António.

Tendo o antigo convento o nome de S. António (Convento de S. António dos Capuchos) e sendo uma Ordem mendicante (Franciscana), a existência dos dois santos nesta Igreja, lado a lado, faz todo o sentido.

Guimarães e Felgueiras - Uma História por fazer...



Esqueçam todas as divisões municipalistas posteriores ao ano de 1832 e a linha divisória que separa a freguesia de Serzedo (Guimarães) com a freguesia de Vila Fria/Pombeiro (Felgueiras) e agora passem a analisar a região de Guimarães de uma forma "eclesiástica" e própria de um tempo em que a igreja detinha o poder temporal e espiritual.

Obviamente irão concluir que o Mosteiro de Pombeiro assumia junto da cidade de Guimarães um local de enorme importância. Construído durante o período de vida do nosso D. Afonso Henriques, foi de certeza lugar de paragem obrigatória e de frequência assídua do nosso primeiro Rei, não só por ser um mosteiro em construção e como tal novidade, mas também por ser uma obra de uma magnitude fantástica. Alguns túmulos de templários encontram-se à entrada do Mosteiro.

Com uma Sé de Braga muito distante de Guimarães e com o Mosteiro de S. Gonçalo em Amarante (a partir do Século XIII) a um dia de caminho de cavalo do Berço, o Mosteiro de Pombeiro, o seminário adjacente, a primeira "fábrica" de sinos da península ibérica (recentemente descoberta) e todas as casas senhoriais nos arredores do Mosteiro assumiam uma importância que a História de Guimarães não poderá ignorar...

Aquela região em certas alturas da História assumiu também o papel de acolher os vimaranenses brasonados nas suas segundas casas de família. É o caso de muitas das famílias antigas vimaranenses.

No âmago destas famílias muitas foram as personalidades que ali viveram com responsabilidades camarárias em Guimarães e junto das cortes dos diversos Reis de Portugal (sempre representando Guimarães),

Se nos debruçarmos mais atentamente chegamos a perceber que as famílias que viviam neste vale agora felgueirense estão na génese da Misericórdia de Guimarães, na Ordem S. Domingos entre outras irmandades vimaranenses

A freguesia de Vila Fria em Felgueiras durante séculos tornou-se atraente para os vimaranenses não só pela sua importância religiosa que na altura assumia mas também por ser atraente durante a estação do Verão. Esta localidade era um ótimo local de passeios, de banhos, de terrenos agrícolas férteis e com vestígios de património romano únicos e invulgares no país inteiro.

Actualmente a Ponte do Arco que separa o Concelho de Guimarães do Concelho de Felgueiras merecia dos executivos camarários uma atenção especial por ser um potencial de atração turística e de desenvolvimento de ambos os concelhos.

A recuperação da praia fluvial a meias paredes com o parque de campismo de Vila Fria e os caminhos pedestres já delineados na margem felgueirense seriam um acrescento ao potencial que também existe na margem vimaranense.

Por sua vez a Câmara de Felgueiras também poderia aproveitar as fortes políticas "verdes" que Guimarães está a incrementar para ter proveito de um rio Vizela despoluído e que também é seu.

O Presidente da Câmara Municipal de Guimarães que esteve com o fundador do escutismo Sir Baden Powell

O ex presidente de Câmara Duarte Amaral encontrou-se com Baden Powell durante o tempo de serviço em Moçambique.

Ambos militares, um na África do Sul a prestar serviço e outro em Moçambique, encontraram-se pessoalmente e puderam trocar algumas impressões.

Duarte Amaral e Freitas era oficial do exército tendo também prestado serviço no regimento sediado em Guimarães nº 20.

Além de ter conhecido Baden Powell, o ex Presidente da Câmara Duarte Amaral fez também grande amizade com Raul Brandão que prestou também serviço no regimento nº 20 com a patente de Alferes.

Duarte Amaral, avô de Diogo Freitas do Amaral ficou conhecido por permitir que os comerciantes trabalhassem ao Domingo em Guimarães, o que era proibido até então.

O relato do encontro de Baden Powell com o ex presidente da câmara está relatado nas memórias de Duarte Amaral



O Pregão dito pelas ruas de Guimarães em busca de linho para servir de ligaduras das feridas

No início do Século XVIII ainda não existiam no hospital de Guimarães os algodões iodados, os antissépticos e todos os remédios que a ciência com o passar do tempo nos colocou à disposição.

Todas as ligaduras eram feitas de panos de linho e havia a crença que o pano de linho tinha em si virtudes curativas.

O pessoal que trabalhava no hospital de Guimarães ocupava os seus serões a desfiar farrapos de linho com o objetivo de ser aplicado nas feridas dos pacientes.

São vários os inventários do Século XVII e XVIII que nos falam desta prática do uso do linho.

(arquivos da Misericórdia, códice 108, folhas; 53,59, 113 V, e códice 107, folha 27 V.)

Dos vários pregões lançados pela cidade pelo hospitaleiro e pelo servo que auxiliava nas missas, constava um que pedia trapos e fios de linho para o curativo dos doentes do Hospital. O saco do servo entretanto recolhia a esmola dos velhos farrapos de linho.

O pregão usado era o seguinte; "Um farrapinho, sendo de linho, guarda-se bem. Um dia, vem em nosso dia uma ferida. Para a curar, sem agravar e não ter dor. Não há melhor que farrapinho, sendo de linho."

Também era usado o seguinte pregão: "Fios e trapos de linho, pró Hospital, por amor de Deus!"

No entanto, o consumo excedia largamente as ofertas e a Misericórdia decidiu contratar uma em reunião de 20 de Março de 1816 uma lavadeira propositadamente para lavar os panos, ataduras e parches, a fim de servirem mais de uma vez, dando-se-lhe um ordenado de 300 reis mensais".

Embora já nos primórdios do século XVIII os pensos antissépticos fossem uma conquista, a verdade é que ainda não existiam no Hospital de Guimarães.

Um regulamento do século XIX, diz-nos uma parte das atribuições de uma lavadeira ao serviço do Hospital. A par das medidas profiláticas do regulamento de 1839 criado no Hospital de Guimarães foram boas decisões da administração em prol da saúde dos utentes

A Irmandade de S. Crispim – Há 700 anos a auxiliar os mais necessitados – A mais antiga de Guimarães

Na travessa de S.Crispim, junto à rua da Rainha no Centro Histórico de Guimarães fica o albergue da Irmandade de S.Crispim que foi criado em 1315 pelos mestres sapateiros João Baião e Pedro Baião que doaram todos os seus bens à Irmandade de S.Crispim. "... Esta Irmandade dá pousada e lenha por 3 dias aos pobres passageiros, e uma ceia de bacalhau cozido com batatas, pão e vinho a qualquer número de pobres, que ali se apresentem na mesma véspera de Natal.."(1)

(1)

Padre António José Ferreira Caldas

In Guimaraes :apontamentos para a sua História



Padre Joaquim Carreira, o religioso católico que salvou muitas vidas durante a II Guerra Mundial tal como Aristides Sousa Mendes e sem lugar no Panteão Nacional



O judeu italiano Elio Cittone, é uma das 40 vidas salvas pelo padre Joaquim Carreira no Vaticano durante a II Guerra Mundial quando tinha apenas 16 anos e que nos deixou um relato até aos dias de hoje de como é que este religioso católico salvou diversos socialistas, médicos, diplomatas, advogados e professores que não concordavam com os ideais nazis.

Nestas cerca de 40 pessoas salvas não estão contabilizadas muitas outras, principalmente do sexo feminino que se sabe que o Padre Carreira encaminhou para casas e colégios de freiras em Roma como é o caso de parte da família de Élio Cittone (mãe e irmã) já referido.

Desobedecendo à neutralidade do Vaticano e do Papa durante a Guerra, o Padre Joaquim Carreira, vice-reitor do colégio Luso recebeu nas instalações do seu colégio no ano de 1943-44 diversos refugiados.

O Padre Carreira era somente um português em Roma que se envolveu de forma empenhada, arriscando a própria vida.

Num dos seus relatórios de 1943 escreve o seguinte: "Concedi asilo e hospitalidade no colégio a pessoas que eram perseguidas na base de leis injustas e desumanas"

Existe uma biografia chamada "Monsenhor Joaquim Carreira - Apóstolo do Bem, na Guerra e na Paz de João Carreira Monico (seu sobrinho) que investigou diversa documentação sobre os refugiados no colégio português em Roma e com revelações surpreendentes sobre o elevado estatuto social de alguns refugiados a quem o Padre Carreira deu proteção.

Os refugiados relatam que o Padre Carreira sempre foi muito gentil com todos eles e que havia a necessidade de ocupar o tempo, ora lendo, ora ouvindo rádio, ora aprendendo um jogo português chamado "sueca"...

Perante as rusgas nazis e a fome que se fazia abater sobre Roma, os refugiados contaram que durante vários meses de refúgio nada lhes faltou. A igreja católica em 2008 aquando do centenário do seu nascimento revelou que era o Padre Carreira quem estava responsável pela angariação de mantimentos para os refugiados.

Comprar comida em quantidade maior poderia levantar suspeitas de ter gente a mais no colégio português.

Em 1944 Giuseppe Caronia, médico, depois de salvar inúmeros judeus também se refugiou no colégio português.

Segundo Cittone que só esteve 1 mês e meio no colégio, os alemães bateram à porta para efetuar uma rusga pelo menos 1 vez. O Padre Carreira escondeu todos os refugiados no telhado do edifício escapando às garras dos nazis e salvando todas as vidas. O Padre Carreira fazia questão de manter a casa com um ar de abandonada em caso de existir alguma rusga. Regra que os refugiados cumpriram.

O Padre Carreira nunca relatou os factos a ninguém, talvez por humildade ou simplicidade.

O Padre Carreira nasceu na caranguejeira, a 20 km de Fátima e foi o primeiro padre em Portugal a tirar a licença de piloto chegando a ser apelidado de "Padre aviador".

O Padre Carreira morreu em 1980 no dia de Nossa senhora da Imaculada Conceição. Nas palavras do seu sobrinho, o seu tio era grande devoto de Nossa senhora e sempre disse que gostaria de morrer no seu dia, o que efetivamente por coincidência ou não, acabou por acontecer.

Foi também o fotógrafo oficial do santuário de Fátima.

O povo judeu já o homenageou passando a ser o quarto português a ter o nome inscrito no "Memorial dos Justos" em Jerusalém por ter arriscado a sua própria vida perante o regime Nazi, a par de outros portugueses que merecem a devida homenagem e que não se fala de eles como é o caso do Embaixador português na Hungria, Carlos Garrido.

Juntamente com Aristides Sousa Mendes, Joseph Brito Mendes e Carlos Garrido, o Padre Joaquim Carreira foi o quarto português a ser reconhecido pelo centro judeu Yad Vashem a ser um entre os "Justos da Nações"

Em Portugal além das homenagens locais dos sítios onde nasceu e por onde passou pouco mais se fez por este Homem Bom.

Agora que elevámos de forma muito justa e merecida o reconhecimento de Aristides Sousa Mendes porque não também reconhecer Homens que também estiveram na defesa dos mesmos valores?

Água volta a correr nas termas romanas de S. Pedro do Sul onde D. Afonso Henriques andou e até existe um balneário com o nome do Rei Vimaranense!

Uma das razões para decidir ir a banhos às Termas de S. Pedro do Sul tem as suas raízes na História e chega-nos hoje dia de S. Pedro.

As águas das termas voltaram a ter vida este mês de Junho ao final de milhares de anos e perdem-se no tempo, os primeiros vestígios da utilização das suas águas termais com fins curativos e de bem-estar. Remetem-nos mesmo para a Pré-história da humanidade.

Mas se esses já não são facilmente visíveis, o mesmo não acontece com o uso que os romanos fizeram destas águas, seguindo-se-lhes muitos dos nossos maiores reis como D. Afonso Henriques e D. Manuel I. É pois, uma sabedoria feita de vários milénios, de múltiplas experiências e de permanentes resultados positivos a sustentar ao longo da história essa mesma utilização...

De facto, têm já mais de dois mil anos, os mais antigos testemunhos castrejos da utilização das águas termais, no local onde hoje se localizam as Termas de S. Pedro do Sul. Mas são dos romanos, que difundiram por todo o mundo ocidental a magia das águas termais que, antes, os gregos tinham descoberto, os mais importantes e antigos vestígios patrimoniais: ainda hoje se podem ver várias componentes em pedra (há vários anos à espera de recuperação por parte do IPPAR) do que foi o Balneum Romano construído nos primeiros anos do século I da era cristã. Mais tarde, já no século XII, as então denominadas Caldas Lafonenses voltam a ser objecto de interesse e notícia. Em 1152, D. Afonso Henriques reconhecendo a crescente importância da vila onde brotavam tão especiais águas, concedia o 1 Foral à Vila do Banho, outorgando-lhe assim a importância de concelho. E é o próprio primeiro Rei de Portugal, em 1169, após fractura da perna sofrida na batalha de Badajoz, que vai recuperar fisicamente para as Caldas Lafonenses na Vila do Banho, hoje Termas de S. Pedro do Sul; onde constrói uma pequena Capela a S. Martinho, ainda hoje aberta ao público.

Já nos primeiros anos do século XVI, é o rei D. Manuel I que decide desenvolver as Caldas Lafonenses, construindo no local o Hospital Real das Caldas de Lafões e concedendo, em 1515, novo Foral à Vila do banho, aumentando as suas competências e importância.

Volta a ser já nos séculos XIX e XX, que as Termas de S. Pedro do Sul conhecem um novo impulso e modernização. Em 1884, a Câmara Municipal de S. Pedro do Sul decide construir um moderno Balneário que substituirá o tricentenário Hospital Real das Caldas de Lafões. E passados dez anos, em 1894, a Rainha D. Amélia vai mesmo a banhos pela primeira vez no novo Balneário, tratando de alguns problemas físicos que a apoquentavam... E com tais resultados que, um ano depois, é aprovado um Decreto Real determinando que as Caldas de Lafões se passem a denominar Caldas da Rainha D. Amélia.

E já no século XX com a República, em 1910, que estas se passam a denominar Termas de S. Pedro do Sul. E é ainda no final do século, em 1987 que é inaugurado um, novo balneário, o Centro Termal, iniciando-se na mesma altura, a modernização do Balneário existente e então já denominado Rainha D. Amélia.

Fonte (Site das termas de S. Pedro do Sul)

Guimarães, sem Vímara?

Vimara Peres não se encontra através de um GPS em nenhuma localidade da cidade de Guimarães. Não há escultura, beco, rua ou viela em que se possa vislumbrar o nome daquele que dá o nome aos vimaranenses e que apelida a cidade de Guimarães (Vimaranis) por ser o seu fundador.

Só na cidade do Porto é que conseguimos admirar uma escultura deste responsável do repovoamento do rio Minho até ao rio Douro. Vimara Peres no entanto deu a Portugal um certo sentimento de independência, antes mesmo do nosso país a conquistar.

Filho de Pedro Theon, Vímara Peres foi um dos responsáveis pelo repovoamento da cidade e da região.

Vimaranis (derivado do seu próprio nome), com o correr dos tempos, por evolução fonética, tornou-se a moderna Guimarães, tendo sido o principal centro governativo do Condado Portucalense aquando da chegada do conde Dom Henrique.

Foi em Guimarães que viria a falecer, em 873. O seu filho, Lucilio Vimaranes (patronímico que significa "filho de Vímara"), sucedendo-lhe à frente dos destinos do condado, instituindo-se assim uma dinastia condal que governaria a região até 1071

Vimara Peres contribuiu de forma decisiva para a fortificação, defesa da cidade e também contribuiu para a sua governação através da linhagem familiar que deixou pelos tempos e que muito contribuiu para o crescimento da região.

Entre os seus descendentes mais populares temos a incontornável Mumadona, responsável por ter mandado erguer o castelo de Guimarães.

Fica aqui lançado o mote para uma discussão que penso ter sentido vir a existir porque uma referência ao fundador de Vimaranes em Guimarães é mais do que justificável no Berço da Nação fundado pelo próprio.



Águas nas termas de S. Pedro do Sul onde andou D. Afonso Henriques

Estátua de Vímara Peres existente unicamente no Porto



A História do Cemitério da Atouguia

Conversações para a construção do cemitério municipal de Guimarães - Atouguia - Parte 1

Dezembro de 1878, a Câmara Municipal de Guimarães prepara com pompa e circunstância uma grande obra para servir a população. Em véspera da data de Natal chama ao paço os representantes das maiores irmandades vimaranenses; S. Francisco, Misericórdia e S. Domingos.

O assunto envolve também a vertente religiosa e tudo teria que ser preparado com extrema diplomacia. Tratava-se da inauguração do novo cemitério municipal de Guimarães, o que iria provocar grande impacto junto da população.

As Irmandades representadas em comissões de três elementos comparecem à reunião co regedor e vereadores e ali começam por acordar alguns procedimentos em que a colaboração mútua está sempre presente.

É feita uma apresentação de um estudo comparativo com aquilo que se passa em Braga, Porto e Coimbra havendo uma apreciação pormenorizada dos parâmetros legais.

É acordado logo ali, entre todos a realização de um contrato pago pela Câmara para a condução dos cadáveres, cabendo às irmandades o pagamento de 10% do custo da limpeza do carro funerário e metade do custo do transporte dos falecidos nas instalações dos hospitais destas três ordens.

O cemitério da Atouguia viria a ser inaugurado a 11 de maio de 1879. Cinco meses depois...

Poucos anos depois, em 1887, a procissão dos finados, em 1 de Novembro iria directamente ao cemitério municipal e não às igrejas.

O dia da princesa Europa, de Zeus e dos juízes alemães...

Hoje é dia da Europa. A Europa era uma princesa filha de Agenor rei da Fenícia, que deu seu nome ao continente europeu e que foi raptada. Não foi raptada por um ministro das finanças holandês ou por um grupo de juízes alemães vestidos de vermelho... não, segundo a lenda foi raptada por Zeus.

Zeus apaixonou-se por Europa tal como atualmente os países do sul da Europa se apaixonaram pela criação de um espírito solidário com os países do norte do "velho continente" mas a realidade é que este amor não correspondido é bem semelhante à paixão que Zeus tinha pela sua amada. Um amor unilateral...

Sabendo da admiração que a princesa Europa tinha pelos touros de seu pai, Zeus transformou-se num touro branco e misturou-se com as manadas de seu pai, tal e qual como deveriam ser tratados de igual maneira todos os países no continente... de uma forma inconfundível.

Enquanto a princesa Europa recolhia flores na praia, ela viu o touro e acariciou-o. Vendo que era muito manso, a princesa Europa subiu nas suas costas. Aproveitando a oportunidade, Zeus raptou-a e levou-a nas costas por vários países até chegar à ilha de Creta.

Este percurso de Zeus por vários países da "Europa" com a princesa Europa no seu dorso originou o batismo do continente onde vivemos.

Ironicamente o destino de Zeus foi Grego, terras estas que são atualmente tão criticadas pelos nórdicos europeus mas que por ironia da História estiveram até aos dias de hoje na origem da democracia e do verdadeiro espírito fraterno europeu ... Revelando a sua verdadeira identidade à princesa no final da viagem, Zeus tornou Europa na primeira rainha de Creta e deu-lhe três presentes e três filhos...

Posteriormente a Rainha Europa casou-se com Asterión, rei de Creta, que adotou os três filhos de Zeus.

A Rainha Europa na sua História mitológica aparece-nos sempre com uma forte capacidade de adaptação social, cultural e política às circunstâncias, mude ela de país, de família ou de cargo em reinos diferentes.

Era bom que esta capacidade de adaptação fosse inspiradora para os governantes e magistrados dos países nórdicos pois com a pandemia que assola a Humanidade convém não repetir erros do século passado abrindo portas para preconceituosos espíritos que tiveram na génese de movimentos políticos como o Apartheid (Bouers) ou o nazismo, e que além de provocarem um genocídio humanitário espalharam tanta pobreza e miséria em todo o mundo....

Está na hora, nesta conjuntura pandémica, de exigir um esforço conjunto, em especial aos países mais ricos, de forma a não prejudicar sempre os europeus mais fracos e que em alguns casos como o de Portugal e o da Grécia foram dos mais disciplinados do Velho Continente.

Veremos então se os políticos nórdicos não se descartam para uma barra do tribunal de uma responsabilidade que também é sua e abrem desta vez uma "caixa de pandora" de velhos nacionalismos atroztes raptando a crença dos países do sul nos países do norte.

Aprendamos pois todos com a lenda da Europa; com a princesa e rainha a ser multiculturais e adaptáveis, com Zeus a ser determinados a alcançar os objetivos e com o Rei Astérion a ser tolerantes, solidários e Humanos.



Recorra aos
Recorra aos
serviços do
Correio de
Guimarães:

Genealogia
Restauro
Digitalização
Visitas Guiadas
Contacto:

(Fotografia da Princesa Europa)





Assinatura anual do jornal "Correio de Guimarães"

Declaro que pretendo assinar por 12 meses a receção via correio do jornal "Correio de Guimarães" representado pelo proprietário Paulo Freitas do Amara, nº de contribuinte 216559499, residente no Largo da Misericórdia, n.º 23, 4810-431 Guimarães, pela quantia de 22 euros/ano.

IBAN: PT 50 003500480005457770038

Morada de Envio: _____
 Nome completo/Entidade: _____
 NIF: _____

Assinatura (Igual ao Cartão de Cidadão)

Guimarães, ___ de _____ de 2019



 <p>FUNERÁRIA Passos Nos momentos difíceis agimos por si</p>	<p>TRAVESSA DOS MOLEIROS – SILVARES</p> <p>Avelino Alves</p> <p>Faleceu no dia 14 de Junho, com 90 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de Silvares, indo depois a sepultar no Cemitério da Atouguia.</p>	<p>RUA DE SOUTO NOVO – CORVITE</p> <p>Joana Neves de Castro</p> <p>Faleceu no dia 15 de Junho, com 74 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de São Pedro de Azurém, indo depois a sepultar no cemitério desta comunidade.</p>
<p>REDENTORISTAS</p> <p>Padre José Maria Peres da Rocha</p> <p>Faleceu no dia 17 de Junho, com 93 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, indo depois a sepultar no Cemitério da Atouguia.</p>	<p>RUA DR. BENTO CARDOSO – SÃO SEBASTIÃO</p> <p>Manuel da Costa Mendes Guimarães</p> <p>Faleceu no dia 17 de Junho, com 85 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Capela do Cemitério da Atouguia, indo depois a sepultar neste cemitério.</p>	<p>RUA ALEXANDRE HERCULANO – AZURÉM</p> <p>Alberto Gaspar Ribeiro Ferreira</p> <p>Faleceu no dia 18 de Junho, com 38 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de São Pedro de Azurém, indo depois a sepultar no Cemitério de Monchique.</p>
<p>RUA VEIGA DE CASTELÃES – PONTE</p> <p>Teresa de Jesus Rodrigues</p> <p>Faleceu no dia 19 de Junho, com 94 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de Fermentões, indo depois a sepultar no cemitério desta comunidade.</p>	<p>RUA ENGENHEIRO MARGARIDE – PONTE</p> <p>José Fernando Duarte Ribeiro Dias</p> <p>Faleceu no dia 20 de Junho, com 66 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de São João de Ponte, indo depois a sepultar no cemitério desta comunidade.</p>	<p>RUA DO CAMPO NOVO – PONTE</p> <p>Alberto Oliveira da Cunha</p> <p>Faleceu no dia 20 de Junho, com 75 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de São João de Ponte, indo depois a sepultar no cemitério desta comunidade.</p>
<p>RUA 24 DE JUNHO – PONTE</p> <p>Joaquina de Macedo</p> <p>Faleceu no dia 22 de Junho, com 93 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de São João de Ponte, indo depois a sepultar no cemitério desta comunidade.</p>	<p>V.O.T. DE SÃO DOMINGOS</p> <p>Margarida Odete da Silva Fernandes Araújo</p> <p>Faleceu no dia 24 de Junho, com 70 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Capela da V.O.T. de São Domingos, indo depois a cremar no Crematório do Vale do Ave.</p>	<p>LARGO DE SÃO MATEUS – GONÇA</p> <p>Maria da Conceição de Oliveira Freitas</p> <p>Faleceu no dia 29 de Junho, com 86 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de Gonça, indo depois a sepultar no cemitério desta comunidade.</p>
<p>AVENIDA DE SÃO GONÇALO – CREIXOMIL</p> <p>Vítor Manuel Fernandes Teixeira da Silveira</p> <p>Faleceu no dia 2 de Julho, com 60 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de São Domingos, indo depois a sepultar no Cemitério de Monchique.</p>	<p>RUA DO LUGARINHO – COSTA</p> <p>Maria Emília Teixeira</p> <p>Faleceu no dia 2 de Julho, com 88 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de São Domingos, indo depois a sepultar no Cemitério da Atouguia.</p>	<p>RUA DA FEIJOEIRA – SÃO PAIO</p> <p>Jerónimo Vieira Monteiro</p> <p>Faleceu no dia 5 de Julho, com 70 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, indo depois a cremar no Crematório do Vale do Ave.</p>
<p>LAR EMÍDIO GUERREIRO</p> <p>Rosa Maria da Silva</p> <p>Faleceu no dia 6 de Julho, com 81 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de São Dâmaso, indo depois a sepultar no Cemitério da Atouguia.</p>	<p>TRAVESSA DA BOUCINHA – PONTE</p> <p>Manuel António da Silva Cruz</p> <p>Faleceu no dia 7 de Julho, com 52 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de São João de Ponte, indo depois a sepultar no cemitério desta comunidade.</p>	<p>RUA PADRE ANTÓNIO CALDAS – COSTA</p> <p>Valentim Teixeira Alves</p> <p>Faleceu no dia 11 de Julho, com 78 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de Santa Marinha da Costa, indo depois a sepultar no Cemitério de Monchique.</p>
<p>RUA ARQ.º MARQUES DA SILVA – SÃO TORCATO</p> <p>Maria José de Freitas</p> <p>Faleceu no dia 11 de Julho, com 97 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Basílica de São Torcato, indo depois a sepultar no cemitério desta comunidade.</p>	<p>RUA FERNANDO PESSOA – FERMENTÕES</p> <p>Francisco Coelho Ribeiro</p> <p>Faleceu no dia 12 de Julho, com 62 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, indo depois a sepultar no Cemitério da Atouguia.</p>	<p>RUA 25 DE ABRIL – MASCOTELOS</p> <p>Manuel Pinto de Sousa</p> <p>Faleceu no dia 15 de Julho, com 85 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de Creixomil, indo depois a sepultar no Cemitério da Atouguia.</p>



Acesso ao
Empreendimento



www.prestiti-imobiliaria.com

info@prestiti-imobiliaria.com

PAIXÃO A COMERCIALIZAR IMÓVEIS



**Empreendimento
Varandas da Penha**

Ref. 2757

O Edifício Varandas da Penha é um novo empreendimento residencial de apartamentos T2 e T3 na zona mais privilegiado de Guimarães.

Para além da excelente localização, estes apartamentos destacam-se pelo bom gosto e funcionalidade, ideal para quem valoriza a qualidade de vida, o conforto e tranquilidade.

Conclusão prevista para Dezembro de 2021

Rua da Unidade Vimaranense, n.º 126-E - Costa, 4810-026 Guimarães | Tlm.: +(351) 935 263 054 | Tlm.: +(351) 925 330 490

As informações são meramente indicativas, baseados nos dados fornecidos pelos clientes. Tais informações, estão, pois, sujeitas a possíveis alterações.

Participe no nosso jornal:

Escreva-nos uma sugestão, um texto e/ou uma opinião e envie-nos para o endereço:

correiodeguimaraes@gmail.com

Trabalhamos por si e para si

Largo da Misericórdia nº23
4810-031 Guimarães.

Contacto – 96 777 43 06

www.facebook.com/correiodeguimaraes.pt
www.correiodeguimaraes.blogspot.pt

- Como os vimaranenses passavam férias
- A História de um jornal de intervenção vimaranense
- Os v

Não perca na próxima edição de Agosto do nosso jornal;

imaranenses que chegaram a altos cargos da nação
Ficha Técnica

Proprietário Paulo Freitas do Amaral

Dep. Legal 454380/19

Diretor Paulo Freitas do Amaral

Impressão: Avegráfica

